

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

RIO DE JANEIRO

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR

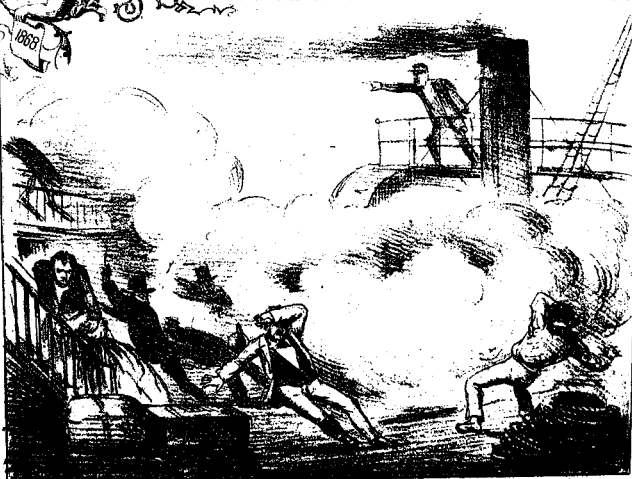
52 - sabrado - 52

CORTE

Trimestre 5 \$000
Semestre 10 \$000
Anno 20 \$000

PROVINCIAS

Semestre 11 \$000
Anno 21 \$000
Avulso 1 \$000



O desastre do Arinos.
(Vide o texto)

RIO DE JANEIRO

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 21 de Janeiro de 1871.

Os leitores naturalmente nunca viram numero nenhum de um jornalito impresso em papel *grossa*, escripto com tinta *grossa* e temperado com sal *grossa*, em cujo frontispicio se lê este titulo—*O Lobishomem*. Nunca viram de certo, mas eu lhes digo o que a coisa é.

O Lobishomem é o gafanhoto illustrado mais pretencioso de entre toda a praga de gafanhotos illustrados que invadiram ultimamente a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Esta semana publicou elle em sua primeira pagina um desenho representando a *Vida Fluminense*, correndo em um circo, cavalgada pelo moleque da *Semana Illustrada*.

Deu causa a esta aggressão o seguinte facto:

Ha dez ou doze dias desejou a redacção do *Lobishomem* trocar sua folha com a nossa. Declaramos-lhe ser isso impossivel, por havermos decidido não estabelecer mais troca com periodico ou jornal algum.

Não preciso declarar aqui que razões nos induziram a tomar uma tal resolução.

A redacção do *Lobishomem* ficou como fica um lobishomem quando se estomaga: jurou vingança e poz-se logo a correr a cidade em todos os sentidos em busca de alguém que lhe suggerisse uma idéa de caricatura contra nós.

Na Praça do Mercado neither esse alguém, que de bom grado lhe fornecia a idéa pedida.

Piem, pois, meus leitores sabendo qual foi a grande questão de estado que accendeu contra nós as iras do *Lobishomem* terrível.

O que, porém, não sei é que gurgeta daria a *Semana Illustrada* ao meu gracioso antagonista, para vêr seu moleque a cavallo na *Vida Fluminense*!

Devia ser tambem *grossa*, para estar em relação com o serviço prestado.

Mas fique convencido o *Lobishomem* que, acostumados a levantar sempre as luvas que se nos atiram, acatamos a lucta no terreno em que elle quizer combater, e que não estamos resolvidos a dar-lhe gurgeta para que se cale, porque já lá vai o tempo em que os lobishomens incutiam terror.

Aos seus artigos responderemos com artigos, aos seus caricaturas com caricaturas, uns e outros afiados no seu dipasão.

Está prevenido.

Até sabado proximo.

Por uma associação de idéas muito natural passou a chamar a attenção do presidente da camara municipal, do chefe de policia, dos delegados, dos sub-delegados, dos inspectores de quarterão, dos fiscaes, de todas as autoridades, enfim, altas e baixas da provincia do Rio de Janeiro para o modo pelo qual é feito o serviço *city improvements* em Niterohy.

O menor mal que as carroças produzem é empessar, durante as horas de serviço, as ruas da cidade, a ponto de obrigarem os miseros nitherohyenses a calafetarem portas e janellas para não morrerem asphyxiados.

Dizemos *menor mal*, porque dias ha, em que para requinte de martyrio, as carroças usavam nas calçadas parte de seu conteúdo, e então ficam inhabitaveis durante muitas horas as casas das ruas em que tal acontece.

E o emperezario elevou ultimamente o preço dos seus serviços! O que custava duzentos réis é hoje pago por trezentos!

Andar assim!

Andar assim enquanto as autoridades não desparecem do beinaventurado somno que dormem *sub tegmine fagi*!

Anunciou-se nos *jornaes* da corte uma grande festa que devia realisar-se domingo ultimo no Passeio Publico.

Era ella um beneficio pu para instituição (não sei ao certo qual das duas cecenas em) de um asylo de mendicidade.

Pelo que diziam as folhas diarias consistiria a festa em uma brilhante illuminação e em escolhidas peças tocadas por oito bandas de musica.

E o publico que sempre é philanthropo, mórmente quando pôde dar esmolas divertindo-se, não deixou de ir ao Passeio Publico.

Mas..... pôde apenas ouvir as escuras as gaitadas de duas bandas de musica... uma das quizes, dizem, fanhosa como um concerto de gatos em noite de luar!

Perguntamos:

Qual foi o logradouro?

O publico ou o asylo de mendicidade?

Damos na primeira pagina do presente numero da *Vida Fluminense* um desenho allusivo ao accidente do vapor Arinos.

Tencionavamos fazer largas considerações sobre o facto, pintando com cores negras a precaria situação, o perigo imminente em que se acham os infelizes que se vêem, por qualquer circumstancia, obrigados a viajar nos paquetes da companhia.

Muito tinhamos que dizer: porém o Sr. Dr. Gama Lobo, tomou-nos a dianteira, contando com clareza o occorrido e estigmatizando com vigor a incuria, que preside infelizmente a quasi todas as nossas cousas.

E fel-o tão cabalmente, que nada nos deixou para dizer.

Contentar-nos-hemos, por isso, em perguntar á Capitania do Porto: "São inspecionadas com o mesmo cuidado, com que foi o Arinos, as barcas Ferry e Rainey, que atravessam a bahia do Rio de Janeiro,

transportando quotidianamente milhares de passageiros?"

Não ha razão para que o não sejam.

..

Até hontem eram todos unanimes em asseverar que seria o Sr. Joaquim Augusto o artista escolhido para organizar o encantado theatro subvencionado.

Hoje, porém, já ouvi muita gente afirmar que seria o Sr. Germano.

O que fór certo.

Parece fôr de duvida, entretanto, que o Sr. Dr. Machado e Machado de Assis declinaram de si a hora de serem membros do novo conservatorio.

Machado e Machado de Assis! Os dois unicos, dentre os cinco, que tem escripto para theatro e estudado com vagar as causas da decadencia da scena brasileira!

Funcionará funcionar o conservatorio com tres membros somente?

Não sabe o digno presidente quem ha de convidar para occupar os dous logares resignados?

Não lhe apontamos alguns nomes. Ah! vão elles:

Dr. Pinheiro Guimarães.

Dr. Muzzio.

Dr. Varcjho.

Dr. Jacy Monteiro.

Dr. Franca Junior.

Joaquim Serra.

Mas querião elles embarcar no chavêco com taes capitão e piloto?

Hoc opus!

..

Para terminar:

Perguntaram-me ha dias:

— Qual é a fruta que uma mãe procura quando não pode amamentar seu filho?

— Sei lá! respondi eu.

— Pois não vês logo que é ama sã?

E com esta.... adensinho.

A. DE C.

—C—C—C—

O novo conservatorio dramático.

Venho cumprir a promessa, que fiz no subhado passado, de analysar os diversos artigos do novissimo decreto, n. 4666, de 4 do corrente que creou *nesta corte um novo conservatorio dramático, marcou suas attribuições e deu outras providencias (sic.)*

Confesso que me acho hoje um pouco distanciando da idéa que ha oito dias tinha sobre o precitado decreto.

E quem fez mudar, em parte, meu juizo foi o seguinte trecho de uma correspondencia anonyma, mas conhecidamente official, inserta no *Jornal do Commercio* de ante-hontem:

"A actual instituição é berço e fundamento da criação do theatro normal. O governo, receando vêr naufragar a arte dramática, promulgou o decreto n. 4666, contendo algumas medidas mais urgentes, afim de estabelecer na corte um núcleo dos mais notáveis artistas, etc., etc., etc."

Bem bom. O decreto de 4 do corrente é apenas uma ante-sala de grande edificio da censura litteraria. Mas como pelo dedo se conhece o gigante, pelo decreto se avaliam anticipadamente o primor dos regulamentos que se lhe hão de seguir.

Porém quaes são suas medidas mais urgentes, tentadas a estabelecer um corte um núcleo dos mais notáveis artistas?

Formais que investigue, apenas encontro um artigo, o duodecimo, que cheira muito de longe a tal empenho; e esse artigo diz: "enquanto se não organizar definitivamente o theatro nacional o governo concederá os favores, no seu alcance, á empresa ou companhia que se propizer a dar *nesta corte representações no theatro que pelo conservatorio for julgado mais conveniente.*"

Será esse o meio de formar o núcleo promettido? Ninguém dirá.

Para reunir em um theatro os artistas mais aproveitáveis, que a necessidade força a peregrinarem pelas provincias, é preciso primeiro saber quaes são esses artistas, e para conhecê-los faz-se mister começar por matricular todos os que com mais ou menos aptidões abraçaram a carreira artistica, para, entretanto, escolher os raros que tem direito de pisar um scena normal.

Seu essa matricula terá a mesa censoria de contentar-se com as informações particulares que colher e que serão exactas ou falsas, dictadas pela verdade ou pelo desejo de proteger um affeccionado.

Portanto entre as medidas mais urgentes devia o decreto mencionar essa da matricula dos artistas.

Outra não menos urgente, e em que foi omissão o decreto, é a da garantia da propriedade litteraria.

Seu ella, que nunca haverá litteratura nacional, por mais que se esbofe, legisle e esculpise o novo conservatorio dramático.

Não foi só a falta de uma censura severa dos escriptos, criam-me bem, que levou o theatro ao estado em que se achá; foi principalmente a carencia absoluta de garantia para os escriptores.

Desprotegidos pela lei, os mais habilitados formam a pouco e pouco abandonando a litteratura dramática, causados de se verem lesados pelos empresarios e livreiros das provincias.

Para ter peças de merecimento (isto é de simples intuição) é urgente providenciar afim de que a propriedade litteraria seja uma propriedade como outra qualquer, a estabelecer um concurso annual ou biennial, em que seja conferido um premio ao melhor escripto, premio deduzido proporcionalmente do producto das loterias, como são deduzidas as gratificações do presidente e secretario do conservatorio.

Destarte todos escreverão e entre os muitos trabalhos apresentados poderá o conservatorio escolher os que melhores lhe parecerem.

Seu esse acorreamento dos nossos homens de letras, como espera o governo poder ter pelo menos duas peças originaes por mez, de merecimento litterario, dignas do theatro normal, o exigidas pelo art. 14 do decreto?

(Continúa.)

AVIDA FLUMINENSE



— Eis o meu requerimento para o concurso da Cadeira de desenhos.
— É tarde! Antes de annunciar o concurso, já o logar, que é de 1:400 rs. fora dado a certo menino bonito que o recebe a título de... dote matrimonial!

— Não ha duvida, as suas roltas são excellentes, mas... concedo-lhes o privilegio... sub condicione: logo que se abrirem as camaras, ha de fornecer-me grande porção. Não sei se me entendem?!



A maior praga da actualidade!
(Antes a dos gafanhotos do Egypto. terra!)



Guilherme I



Bismark

Ao começo do sítio de Paris



Tres mezes depois.



Ultimamente 'chamados as armas'!

Espiritismo.

Não ha duvida nenhuma que o ex-principe de Paraguaray e o espirito favorito do rei Guilherme se está guerra de trincheiras

Assumpto de varias côres

Charles Monsellet a o Pintor de Paris.—O aroma dos sabonetes produzindo inspirações.—O dialogo entre barbeiros e barbeiros francezes bono no meio das novidades.—As palcos do Sr. Vianna.—Um hugano formado em astronomia.—Alcazarina.—Sr. de Malborough.—Itinerario do Sr. Derval classificado entre os outros.—O meu vizinho da direita insistindo o *clique nas estrellas*.—O Valle, e o Lago de Killarney.—Prognostico acerca da pecu.

Quando Charles Monsellet desajava escrever uma chronica destinada a satisfazer o paladar de todos os seus leitores, mettia na algibeira algumas tiras de papel envolvendo um lapis de ponta aguda, sahia de casa pelas dez da manhã, e ia sentar-se placidamente em qualquer dos divans do *Figaro*. Não julgava que se trata aqui do personagen, que tantos louros pôz na cabeça de Beaumarchais, e de Rossini, ou do periodico que tão dura e cruel perseguição soffreu do destronado Napoleão III: não... O "Figaro" de que fallo, era in *ilto tempore* o salão de barbeiro mais *fashionable* do Paris.

Não sei que fim terá levado essa casa, onde o luxo, a riqueza e a elegancia, de mãos dadas, sahiam a receber na escada todos os que lhe frequentavam as salas: o que posso, entretanto affirmar é que os folhetins do festejado chronista eram lidos com muito interesse todas as vezes que elle os escrevia no seio da aquella atmosphera embausmada pelo constante aroma dos sabonetes, das pomadas, dos oleos e das *colde-creams* de todas as castas, feitios, nações, côres e qualidades! A presença dos aromas, e o *casual* espirituoso que se desenvolvia entre barbeiros e barbeados, offerecia provavelmente a Charles Monsellet uma boa dose de inspiração e não menor pecculo de novidades, e dahi vinha que folhetim escripto no "Figaro" tinha, aos olhos de muita gente boa, valia muito superior a de outros, que não haviam ultrapassado as raias do modesto e silencioso gabinete de trabalho.

No Rio de Janeiro não ha ainda *Figaros* daquelle tempera; mas em relação ao Alcazar, offerece o salão do Sr. Vianna certas reminiscencias, que o aproximam até certo ponto do logar onde Charles Monsellet ia a cata do sal e pimenta, que a cozinha caseira muitas vezes lhe negava.

O Sr. Vianna, estabelecido á rua dos Ourives, tem duas paixões que lhe dominam a existencia: a navalha e o pente, de dia; o Alcazar e as estrellas de noite. Fora disto não lhe fallet em mais coisa alguma.

É verdade que em qualquer destas materias já o homem teria capello. se os duntormentos podessem applicar-se a cabellos peritos, e *habitués* infalíveis.

A nossa civilização, porém, ainda não chegou até lá. Se concede o diploma de doutor no dentista charlatão, e ao advogado que ignora a formula de um requerimento, nega-o redondamente ao barbeiro que sabe pôr a navalha na cara do proximo, sem que elle lhe sinta a aspereza, e ao homem que durante largas noites queima as pestanas no ingrattissimo estudo da astronomia.... alcazarina.

São cousas que se não explicam.

Era meu desejo dar aqui uma amostra do muito

que se aprende, em relação ás cousas do theatro francez, nas salas do Sr. Vianna.

O artigo, porém, seria por demais longo; e os theatros ficariam privados da visita que semanalmente costumam fazer-lhes. Portanto deixou o Sr. Vianna em paz, e para que elle continue a querer-me bem começo a minha visita pelo theatro da sua predilecção — o Alcazar.

Mr. de Malborough é o titulo de uma comedia em tres actos, que faz actualmte ás delicias dos frequentadores do theatro francez.

Incarada pelo lado burlesco, não sei de muitas que possam pôr-lhe o pé adiante. Durante tres actos, embora curtos, as peripécias succedem-se com tal rapidez, e os ditos *apimentados* chovem tão profusamente, que o olho, a cada passo despertado pelo estridor da gargalhada expansiva, debalde tenta adormecer.

Se o espirito da phrase, devêr-se *apimentada* como já disse, concorre, por um lado, para que o espectador passe algumas horas em constante hilaridade: a interpretação dada ao caracter de Malborough pelo Sr. Rossier, e a fúccia de Dubois, que, sem recorrer a trejeitos ridiculos, sabe tirar todo o partido do seu talento comico, contribuem, por outro, para a carreira esplendida, que, a julgar pelo exito da primeira noite, me parece reservada á peça em questão.

É pena que os authores de *Malborough* não dessem maior desenvolvimento aos papeis destinados ao sexo *fraco*. As *estrellas* gostam de dar na vista, como todos sabem, e pelo seu lado os *habitués* acham que ellas tem razão. Ora, na peça de que estou fallando, se exceptuarmos Mlles. Gabrielle, Rose-Mignom e o Sr. Derval (que graças á elegantissima touca, eu folgo de incluir na brilhante pleiade dos astros alcazarinos) é fôca de duvida que as *autres* conservam-se quasi sempre em teimoso *eclipse*.

O seu a seu dono. Esta ultima reflexão não é minha:—foi-me suggerida por um *habitué* acerrimo do meu vizinho da direita) que apesar de trazer quasi sempre o *pince-nez* escarranchado sobre o nariz, distingue difficilmente o que se passa na scena, quando esta se achia privada da luz compacta de todas as *estrellas*... *plus ou moins* parisienses.

O que o meu vizinho da direita não poderia deixar de distinguir, se se desse no incommodo de frequentar o Gymnasio, é o esmero vnderamente luxuoso que o Valle empregou na promptificação scenica do seu *Lago de Killarney*, peça destinada a produzir resultados iguaes aos do *Ajo da meia noite*, *Rocambolo*, *Renovos* vivo e outras de que o publico guarda saudosas reminiscencias!

E, se em relação á nova peça do Gymnasio ha um bom conselho a dar ao meu vizinho da direita e ao leitor destas linhas é que—vá vel-a quanto antes se quizer ter occasião de exclamar que "*é bon sem ser muito caro*."

A. DE A.

O BUSTO

CAPITULO 1.

Sous avôs, que não usavam pena senão no chapéu, ficaram bem admirados se podessem ler os livros que elle escreveu. O ultimo, datado de 1861, tem por titulo—*Tratado sobre a criação das galinhas d'angola e das galinhas coelhaquinas*. E agora não? O velho

O que é verdade é que a Sra. Michard não deu à sua sobrinha senão mestres de mais de sessenta annos, inclusive o de dança. Algumas obras de Walter Scott e de Florian e muitos romances cavallheirescos, tões foram os livros, cuja leitura foi permittida a Victoriana.

(Continue)

AVIDA FLUMINENSE



O tribunal do Conservatorio dramatico.